

## AS DISPUTAS EM TORNO DO COMPONENTE DE FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA E A PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES: UMA LACUNA NA PESQUISA

Kleber Santos Chaves <sup>1</sup>  
Ana Cristina dos Santos Silva <sup>2</sup>  
Eudite Fernandes Carneiro <sup>3</sup>  
Willian Andrade Prado <sup>4</sup>  
Benedito Gonçalves Eugênio <sup>5</sup>

### RESUMO

O presente texto apresenta os resultados de uma pesquisa bibliográfica, cuja perspectiva teórica emerge do pós-estruturalismo, assentando-se na teoria do discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe. Os resultados alcançados e discutidos evidenciam uma lacuna no campo da pesquisa curricular: dar-se pouco destaque a perspectiva dos estudantes quanto a filosofia no currículo da educação básica. Entendemos e indicamos que pesquisas sobre esta lacuna podem se somar aos esforços antagônicos para afirmar o lugar da Filosofia junto a formação escolar da educação básica, de modo a reconfigurar os discursos da política curricular e recuperar um espaço que até pouco tempo a Filosofia pôde ocupar.

**Palavras-chave:** Ensino de Filosofia, Política Curricular, Currículo de Filosofia, Ensino Médio, Teoria do Discurso.

### INTRODUÇÃO

O campo curricular é arena de constantes disputas, pois nele se contorna, reforça, deforma e reforma os sentidos tanto na vida estudantil, na construção das ideias de mundo dos estudantes, quanto nos entornos a este constructo vinculadas. Não é estranho que por isso, nos embates pela definição dos componentes a serem estudados na educação básica, em momentos em que a concepção ontológica vigente é restritiva, como em períodos ditatoriais (ALVES,

---

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGE) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (BA), [kleber.ksc2@gmail.com](mailto:kleber.ksc2@gmail.com);

<sup>2</sup> Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGE) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (BA), [anahick2006@hotmail.com](mailto:anahick2006@hotmail.com);

<sup>3</sup> Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGE) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (BA), [euditinha@hotmail.com](mailto:euditinha@hotmail.com);

<sup>4</sup> Doutorando no Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGE) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (BA), [willian.prado@ifnmg.edu.br](mailto:willian.prado@ifnmg.edu.br);

<sup>5</sup> Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB-BA), [benedito.eugenio@uesb.edu.br](mailto:benedito.eugenio@uesb.edu.br)

2002), haja um estreitamento ou exclusão de qualquer espaço à Filosofia na formação escolar (CHAVES; CAMPOS; EUGÊNIO, 2020).

Apesar disso, é válido lembrar que parte do problema está na dificuldade, insistente, na definição da área: o que é mesmo Filosofia? Em que ela colabora com a escola? Partindo de uma pesquisa anterior (CHAVES, 2021), podemos indicar que a Filosofia seja pensada na realidade do Ensino médio como uma maneira de aprimorar o pensamento crítico, reflexivo e capaz de desnaturalização da realidade. Talvez, por esta via, seja possível entender que a Filosofia pode embasar potentes iniciativas e instrumentos de in-conformação e resistência.

Assim, considerando desde o período em que a Filosofia experimentou alguma presença no currículo (2009-2016) como a presente instabilidade (2016- ), é mister dar atenção a perspectiva dos estudantes, pois eles, com as próprias existências, estão diretamente relacionados ao saber e ao conhecer filosóficos, por meio da elaboração conceitual (GALLO, 2012) com a qual são capazes de significar/ressignificar sua própria realidade, intermediados e atualizando o trabalho filosófico. Por isso, nossa disposição em acenar com a lacuna e indicar a necessidade de pesquisar sobre a perspectiva dos estudantes a respeito da Filosofia e sua presença/ausência na escola.

Nessa esteira, trazemos aqui os resultados preliminares de uma pesquisa de recorte documental e bibliográfica acerca da produção acadêmica em Ensino/Currículo de Filosofia, com vistas a desenvolver os objetivos abaixo: Levantar as últimas mudanças no currículo brasileiro do Ensino de Filosofia na Educação básica e indicar possíveis motivações que justifiquem a direção destas mudanças; Mapear os dados sobre a pesquisa em Ensino de Filosofia correspondente a perspectiva docente e discente sobre este ensino.

Reforçam nossa justificativa para tal empreitada tanto nosso envolvimento com o objeto, dada nossa atuação docente, quanto o entendimento de que a necessária vigilância epistemológica (BOURDÍEU. CHAMBOREDON. PASSERON, 2007) não implica que professores (as) se apartem das realidades escolares para a pesquisa. Justamente o contrário, o professor (a), porque também pesquisador (a), precisa pensar seu contexto com a instrumental teórico-metodológica da pesquisa. Agir deste modo, inclusive no recorte curricular do ensino de Filosofia na educação básica, é uma maneira de confrontar, antagonicamente, o discurso hegemônico que nas disputas de espaço desprestigia a Filosofia em favor de outros conhecimentos, marcadamente os mecanizantes.

## METODOLOGIA

No que concere ao caminho para a realização e operacionalização da pesquisa, ressaltamos que em virtude do aporte teórico está inserido em campo pós-estrutural/pós-fundacional, nos distanciamos do entendimento de uma “natureza” inata à pesquisa. Isso porque sendo a pesquisa uma realização humana, portanto uma realização discursiva, ela não “é”, não possui um “ser” (ontológico), ainda que possa preservar características comuns, essa preservação está ligada a decisões, sempre políticas (LOPES; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2018), que delimitam o campo científico e não a uma necessidade intrínseca das pesquisas, portanto de uma natureza imutável. Aprofundam a discussão do campo teórico do pós-estruturalismo/pós-funacionalismo trabalhos como os de Daniel de Mendonça, Léo Rodrigues e Bianca Linhares (2017) e Mendonça e Rodrigues (2014).

Dessa maneira, ao acompanharmos as sínteses sobre a pesquisa qualitativa em educação, propostas por Bogdan e Biklen (1999, p. 47-51), encontramos alguns elementos que podem ser aglutinados para configuração de uma pesquisa assim pensada, sendo estes: 1) a fonte direta de dados e a postura do investigador como protagonista dessa elaboração; 2) a descrição como forma de operar; 3) o foco nos processos em detrimento da atenção exclusiva aos produtos; 4) a análise indutiva dos dados; como também, 5) os significados, como objetivo constante da pesquisa.

Enquanto pesquisa qualitativa, ainda pensando com os autores (BOGDAN; BIKLEN, 1999) circunscrevemos este trabalho como um fronteiro da pesquisa documental e bibliografia. Tal caracterização se justifica em virtude de, em um primeiro momento, voltarmos nossa atenção por sobre os documentos tidos comumente como “oficiais”, que são expressão textual de uma conjuntura discursiva que conforma a realidade; em um segundo momento, nos dedicamos em levantar a bibliografia que pensa o currículo do ensino de Filosofia na perspectiva dos professores e dos estudantes, momento em que detectamos uma lacuna, sobre a qual fazemos as análises e indicamos a realização de pesquisas na direção de suprir essa falta.

Os procedimentos adotados para alcançarmos os resultados bibliográficos passaram por uma busca avançada do Portal da BDTD/IBICT<sup>6</sup>. Nele, foram inseridos os descritores: Filosofia (título), Professores (todos os campos), Estudantes (todos os campos), Ensino médio (todos os campos), e Currículo (todos os campos). Dessa busca resultaram quarenta e três trabalhos

---

<sup>6</sup> <https://bdtd.ibict.br/vufind/>

produzidos entre 1989 e 2020, marcadamente entre 2010 e 2018 (trinta e dois do total). Destes, observamos, na leitura dos títulos e resumos, aqueles cuja discussão indicavam a perspectiva de professores e estudantes quanto ao ensino de Filosofia. Abaixo, quando do momento da discussão, comentamos os detalhes do *corpus* levantado, bem como abrimos diálogo sobre estes resultados.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Ao analisarmos nosso *corpus* de trabalho nos orientamos pela Teoria do Discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe. Para nós, essa perspectiva teórica pós-estruturalista configura um prisma de potência analítica bastante lapidado, uma vez que pressupõe a realidade já bastante complexa e escorregadia a fixação de categorias rígidas. Dado os limites neste texto, para maiores contextualizações, indicamos um trabalho anterior (CHAVES, 2021), bem como as referências abaixo elencadas.

Interessa-nos para a presente discussão o conceito de hegemonia. Entendemos que o processo de disputa no campo curricular está ligado a existência de diferentes elementos discursivos que têm se articulado em momentos ora de hegemonia, ora de antagonismos. Os elementos são tanto pessoas, como grupos e corporações que disputam a definição do sentido de um determinado aspecto da realidade, como o do ensino de Filosofia. Os momentos são a circunstância na qual os diferentes elementos suspendem algumas diferenças em benefício de um objetivo comum. Em torno desse tipo de arranjo costuma se afirmar os discursos hegemônicos.

Com isso, nós entendemos, com os autores que a “hegemonia é, simplesmente, um tipo de relação política, uma forma, por assim dizer, de política, mas não um lugar determinável na topografia social” (LACLAU; MOUFFE, 2015, p. 219). Dessa forma, as disputas não se acabam na definição do significado hegemônico, uma vez que ele, mesmo estabelecido, não o é em definitivo.

Por isso que, no campo curricular, reformas e contra-reformas, revisões e proposições divergentes podem ser sintomáticas de mudanças na configuração discursiva que permitem outras afirmações hegemônicas. Para nós, como passamos a discutir, é o caso do currículo do ensino de Filosofia na educação básica.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Disputas em torno da Filosofia na Educação básica: da política à academia

O histórico recente do campo curricular brasileiro, especialmente no que tange ao ensino de Filosofia, aponta para reviravoltas marcantes e antagônicas. Nas duas últimas décadas a Filosofia deixou de ser uma incógnita, como fixado no texto original na Lei de diretrizes e bases da educação - LDB - (BRASIL, 1996) e chegou ao posto de componente curricular obrigatório em todos os anos do ensino médio brasileiro, em virtude dos arranjos construídos por meio da Lei 11.684/2008 (BRASIL, 2008). Contudo, após menos de dez anos, novas movimentações reduziram sua presença a incertos “estudos e práticas” (BRASIL, 2017), promovendo o silenciamento da Filosofia no currículo da educação básica (CHAVES; CAMPOS; EUGÊNIO, 2020; CHAVES, 2021). Estes dois últimos movimentos empreendidos com a Reforma do Ensino médio (BRASIL, 2017) e com a Base Nacional Comum Curricular-BNCC (BRASIL, 2018), respectivamente.

No campo da Filosofia, para justificar as mudanças na Reforma do Ensino Médio e na versão final da BNCC, o governo Temer se valeu de um estudo coordenado pelos economistas Thais Waideman Niquito e Adolfo Sachsida (2018) que, tendo sido financiado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), entendeu que o ensino de Filosofia e Sociologia causaram prejuízos para o desempenho escolar, nos seguintes termos:

A obrigatoriedade de inclusão das disciplinas de filosofia e sociologia no ensino médio, embora possa ter efeitos positivos em algumas áreas do conhecimento, dependendo da região e das condições da família do indivíduo e/ou do município no qual reside, impacta negativamente sobre seu desempenho na área quantitativa. (NIQUITO; SACHSIDA, 2018, p. 42-43)

Neste excerto fica a evidencia de que o estudo toma isoladamente o fator “inclusão das disciplinas” e a conseqüente reorganização da carga horária para concluir direta e decisivamente um prejuízo quantitativo em outras áreas, baseando-se, para tanto, em dados de avaliações externas. Tal conclusão é tão delicada que, dentro de si carrega as sementes da contestação: “embora possa ter efeitos positivos”, “dependendo da região” e assim por diante.

Apesar destes limites, o governo Temer não hesitou em sustentar, teoricamente, a retirada destas disciplinas com base na conclusão acima apresentada. Por isso, nossa crítica se dirige ao fato de uma realidade tão ampla, como a escolar, ser tomada por um único elemento

(avaliação externa, aspecto quantitativo) para a explicação de todos os demais. Há que se considerar a realidade mais amplamente e a política curricular não como um dado (definitivo), mas como um acontecimento passível de ressignificações. Ou seja, o fato de, segundo o estudo, ter havido uma piora quantitativa no aprendizado, não pode ser remetido à simples inclusão de novas disciplinas no currículo escolar. Ainda mais quando o estudo ignora as circunstâncias dessa inclusão e as pessoas envolvidas em tal processo (estudantes e docentes, por exemplo).

Aglutinando outro elemento, recordamos o entendimento de que parte do problema do ensino de Filosofia sofrer de uma fragilidade constante na esfera curricular está na falta de articulação dentro da própria comunidade filosófica (CHAVES, 2021). Existem, ao menos, dois grupos de filósofos-pesquisadores. O primeiro afirma o ensino de Filosofia como um problema filosófico (CERLETTI, 2009). Motivo pelo qual o ensino deve receber atenção da comunidade tanto quanto outros problemas consagrados na Tradição. Este grupo colabora para a afirmação da filosofia como componente curricular na educação básica. Contudo, há um segundo grupo que resiste a esta perspectiva por entender o problema do ensino como um da Educação. Tais pesquisadores, reforçam (talvez tantos até sem intenção) o entendimento de que a Filosofia não cabe na educação básica, já que a Filosofia é uma tarefa reservada apenas aos afortunados (CERLETTI, 2009).

Todavia, é preciso notar que, marcadamente, os condutores das discussões filosóficas são filósofos acadêmicos, majoritariamente inseridos nas universidades. Para constatar esta proposição, basta consultar os GTs da ANPOF<sup>7</sup>, que sinalizam as temáticas mais destacadas entre os pesquisadores em Filosofia no Brasil, dentre as quais, pouco espaço encontra o tema que estamos abordando. Isso porque os professores universitários dos cursos de Filosofia, são interpelados pela realidade escolar, quando muito, nos estágios (das licenciaturas) ou ao tomá-la como campo de pesquisa. Entendemos que a inclusão dos professores de filosofia da educação básica no *hall* destes filósofos-acadêmicos poderia modificar essa configuração de forças, uma vez que este último grupo vivencia o problema (filosófico) do Ensino de Filosofia em sala de aula cotidianamente.

### **Reconfigurações possíveis: a desconsideração da perspectiva de professores e estudantes da Educação básica sobre o Ensino de Filosofia**

---

<sup>7</sup> <https://anpof.org/gt/>

Finalmente, nos voltando as constantes idas e vindas da Filosofia no elenco disciplinar (ALVES, 2002; SANTOS, 2017 e NUNES. ACOSTA, 2018), os estudos que buscam desautorizar o ensino de filosofia (NIQUITO. SACHSIDA, 2018) e, enfim, a desarticulação da comunidade filosófica em referência ao problema do seu ensino, especialmente na educação básica e no ensino médio (CHAVES, 2021), fica ainda mais latente que professores e estudantes têm sido pouco considerados nessa discussão. Ou seja, os estudos têm desconsiderado justamente os atores que vivenciam a filosofia na escola, que ressignificam o currículo em suas realidades e que, certamente, constroem um discurso para o ensino de Filosofia que reverbera em outros momentos da realidade.

Sustenta essa afirmação sobre a pouca atenção dada a professores e estudantes uma busca exploratória realizada junto a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), conforme uma sequência de entradas, que resultou em um total máximo de quarenta e três (43) trabalhos, entre trinta e cinco (35) dissertações e oito (08) teses, nos quais estão relacionados os temas: Filosofia, Professores, Estudantes, Ensino médio e Currículo.

Dos resultados, oito pesquisas consideraram o pensamento (FAGUNDES, 2012; MASULLO, 2012), a concepção (RIZZO, 2016; CARREIRO, 2018), a percepção (CHACON, 2017), a compreensão (MONTEIRO, 2008) ou a óptica (SANTANA, 2007) dos professores sobre o ensino de filosofia em algum nível. Havendo ainda uma preocupação quanto a relação entre a formação e a prática docente (GODÓI, 2013) do componente no ensino médio. Nota-se, deste recorte, que as pesquisas não relacionam a construção curricular e a perspectiva docente como interesses de suas investigações.

Ademais, apenas dois trabalhos (MONTEIRO, 2008; SANTOS, 2015) levam em consideração a perspectiva dos estudantes. Em nosso entendimento, isso demonstra que os alunos (as) podem estar sendo considerados elementos passivos na construção do currículo. Distintamente, entendemos que eles (elas) também são responsáveis pelas significações que os componentes curriculares, como o de filosofia, passam a ter em suas realidades escolares. Por isso, ao assumirem a construção dessas significações, ressignificam o currículo na prática escolar. Deste modo, é possível afirmar que seus discursos influenciam outras cadeias articulatórias, o que os leva a merecer mais atenção das pesquisas acadêmicas, distintamente ao que ocorre no presente.

Cabe destacar, ainda destes resultados, que vinte e oito (28) das quarenta e três (43) pesquisas foram realizadas no Sudeste do país (65% do total). Das dez (10) realizadas na região Nordeste (15% do total), apenas uma (01) dissertação foi realizada na Bahia (< 2% do total). Apesar disso, o trabalho sobre um contexto baiano teve lugar na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), quando a investigação de Lima (2017) observou o ensino de Filosofia, em perspectiva interdisciplinar, em Itamaraju-BA. Por conseguinte, é possível afirmar ainda que os saberes produzidos possuem uma distribuição territorial que desfavorece aos contextos do norte/nordeste brasileiros. Este elemento, em uma proposição de pesquisa, pode se configurar potencialmente nem um recorte que pensa uma realidade específica (norte/nordeste), pelo levantamento, não observada pelas pesquisas até aqui.

Com isso, levantando estes dados e percebendo tais aberturas, indicamos a necessidade de empreendimento de pesquisas que avance sobre tal lacuna, por desafiadora que seja, uma vez que o trabalho nessa direção poderá colaborar com o avanço das ciências, destacadamente das humanidades e dos campos educacional, curricular, de ensino e, sobretudo, de ensino de Filosofia. Ao mesmo tempo, a sua realização potencialmente é - como a pesquisa tende a ser - um posicionamento político (de resistência) frente a discursos que buscam forjar os entendimentos sobre a escola sem sequer se dispor a um mergulho nessa realidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao cabo do que desenvolvemos neste texto, vale três destaques, talvez impregnados de obviedades, mas daquela espécie que só percebemos ser após ditas/escritas. O primeiro, sobre o pesquisar. Há necessidade de usar o retrovisor na prática da pesquisa para tomar largada no já pesquisado, dentro de cada campo. Ainda que o esforço aqui empreendido tenha sido de uma pesquisa exploratória, que tem limites bastante amplos, realizar este movimento, no mínimo, nos permite mais consistência em algumas afirmações realizadas. Movimentos mais densos, como estados do conhecimento, da arte, revisões sistemáticas e meta-pesquisas, são outras possibilidades crescentemente potentes.

O segundo destaque é sobre o pesquisado. O campo curricular passa longe de ser pacífico, ainda que um olhar que considere apenas a existência e constante atualização dos documentos e seus fundamentos (teóricos) possa passar uma falsa impressão de continuidade ou/e de consenso. Visões antagônicas estão em constante disputa e o campo do ensino de

Filosofia retrata isso de modo evidente, dada o constante aparece-desaparece da disciplina de Filosofia no currículo nacional.

Finalmente, o último destaque diz desta pesquisa, mas provavelmente poderia dizer de muitas outras. Não é mais possível pensar que a apresentação destes resultados, que demonstram uma lacuna quanto às pesquisas do ensino de Filosofia, que neste caso evidencia que a perspectiva dos estudantes está sendo desconsiderada, seja considerada neutra. É certo que nos posicionamos ao lado dos que afirmam a necessidade de que haja espaço e tempo para a filosofia na educação básica. Não o fazemos do nada, mas de uma constante entre pesquisar e ensinar-aprender. Somamos este aos esforços antagônicos para disputar e construir uma hegemonia na qual a Filosofia tenha oportunidade de ser uma lente que apresente nuances do mundo que outros conhecimentos e saberes talvez não o sejam.

## AGRADECIMENTOS

Externados e fortes agradecimentos aos/as componentes dos grupos de pesquisa “Currículo, gênero e relações etnicorraciais” e “Ensino, Currículo e Formação de professores”, destacadamente ao coordenador dos trabalhos, Prof. Dr. Benedito Eugênio. Ao programa de Pós-graduação em Ensino da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e ao Colégio Estadual de Marcolino Moura.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Dalton José. **A Filosofia no Ensino Médio: ambiguidades e contradições da LDB.** Campinas-SP: Autores Associados, 2002.

BALL, Stephen. MAINARDES, Jefferson (Org.). **Políticas educacionais: questões e dilemas.** São Paulo: Cortez, 2011.

BOURDÍEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude. PASSERON, Jean-Claude. **Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia.** Petrópolis, RJ: Vozes 6. ed., 2007.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em Educação: uma introdução a teoria e aos métodos.** Porto, POR: Porto Editora, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular, 2018.** Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf) Acesso em: 30.mai.2019.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, Planalto, 1996a. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm) Acesso em: 10 Mar. 2020 (versão atualizada após a Lei nº 13.415/2017)

BRASIL. **Lei nº 11.684, de 2 de junho de 2008. Altera o art. 36 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Brasília, Planalto, 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm) Acesso em: 10 Mar. 2020

BRASIL. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017.** Altera as Leis n ° 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm) Acesso em: 12.ago.2019.

CARREIRO, Gabriela da Nóbrega. Do fato intelectual à atividade real: um estudo das concepções de prática docente de professoras e professores de filosofia no Ensino Médio. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2007. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFPB-2\\_e0c93a986620a2543bee9a3157da0e7c](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFPB-2_e0c93a986620a2543bee9a3157da0e7c) Acesso em 04 jan. 2021

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de Filosofia como problema filosófico.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHACON, Jerry Adriano Villanova. **Ensino Médio e Filosofia: contribuições da Filosofia da Libertação para a formação da autonomia dos estudantes, na percepção dos professores.** 2017. 191 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC\\_SP-1\\_3301ebe44ecabf410133b2302d04f6c7](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_SP-1_3301ebe44ecabf410133b2302d04f6c7) Acesso em 04 jan. 2021

CHAVES, Kleber Santos. **Sentidos de ensino de filosofia no currículo para o ensino médio no período de 2009 a 2019.** 145 fl. Dissertação (mestrado em Ensino). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista-BA, 2021.

CHAVES, Kleber Santos; CAMPOS, Maria de Fátima Hanque; EUGENIO, Benedito Gonçalves. **Filosofia e Ciências Humanas: uma leitura discursiva da BNCC.** Universidade do Estado da Bahia-UNEB, 2020. (Artigo de conclusão de curso de Especialização). [Aguardando publicação, revista Educação-UFSM].

FAGUNDES, Katherine Cortiana. **Filosofia no ensino médio: o que pensam os professores.** 2018. 122 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar). Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara-SP, 2012. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNSP\\_49601b8dcfce6cd93a7048165b6c5f40](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNSP_49601b8dcfce6cd93a7048165b6c5f40) Acesso em 04 jan. 2021

GALLO, Sílvio. **Metodologia do ensino de Filosofia: uma didática para o ensino médio.** Campinas: Papyrus, 2012.

GODÓI, Priscylla Krone Martins Coratti Sarsano de. **Saberes dos professores de filosofia de ensino médio: entre a formação e prática.** 2013. 172 f. Dissertação (mestrado em Educação). Universidade Católica de Santos, Santos, 2013. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/SANT\\_43aebb2573a4ec8319d1555ebbf422a5](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/SANT_43aebb2573a4ec8319d1555ebbf422a5) Acesso em 04 jan. 2021

LACLAU, Ernesto. MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e estratégia socialista: por uma política democrática radical.** São Paulo: Intermeios, 2015.

LIMA, ADEMÍCIO. FERREIRA. **O ensino de Filosofia em perspectiva interdisciplinar no Complexo Integrado de Educação em Itamaraju, BA.** Dissertação (Mestrado em Ensino). Universidade Federal do Espírito Santo, São Matheus-PB, 2017. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFES\\_f60623d07196b546bf67279028c68897](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFES_f60623d07196b546bf67279028c68897) Acesso em 04 jan. 2021

LOPES, Alice Casimiro; OLIVEIRA, Anna Luiza A. R. Martins; OLIVEIRA, Gustavo Gilson Souza de (Orgs.). **A teoria do discurso na pesquisa em educação.** Recife: Editora UEPE, 2018.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. **Teorias de Currículo.** São Paulo: Cortez, 2011.

MACHADO, Adilbênia Freire. **Ancestralidade e encantamento como inspirações formativas: filosofia africana mediando a história e cultura africana e afro-brasileira.** 2014. 240 f. Dissertação (mestrado em Educação). Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2014. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFBA-2\\_40b5521792474843bb39381ae0b67a3f](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFBA-2_40b5521792474843bb39381ae0b67a3f) Acesso em 04 jan. 2021.

MASULLO, Maria Helena. **O componente curricular filosofia e seus professores no ensino médio da rede estadual de educação de São Paulo.** 2012. 184 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC\\_SP-1\\_45f830bb7a1239160bfa9a5d4abbe7f4](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_SP-1_45f830bb7a1239160bfa9a5d4abbe7f4) Acesso em 04 jan. 2021

MENDES, Ademir Aparecido Pinhelli. **A construção do lugar da filosofia no currículo do ensino médio: análise a partir da compreensão dos professores de filosofia da escola pública paranaense.** 2008. 163 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, 2008. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNINTER-3\\_5512309a3bee556abfac649963fde8ee](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNINTER-3_5512309a3bee556abfac649963fde8ee) Acesso em 04 jan. 2021

MENDONÇA, Daniel de. RODRIGUES, Léo Peixoto; LINHARES, Bianca (Orgs.). **Ernesto Laclau e seu legado transdisciplinar.** São Paulo: Intermeios, 2017.

MENDONÇA, Daniel de. **Pós-estruturalismo e teoria do discurso: em torno de Ernesto Laclau.** Porto Alegre: EdiPucRs, 2008.

MONTERO, Maria Fernanda Alves Garcia. **As humanidades sitiadas: estudo comparativo sobre o ensino da Filosofia no currículo e na percepção de alunos e professores do ensino médio brasileiro e do bachillerato espanhol.** 2016. 322 f. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC\\_SP-1\\_b1f80e2adc14252e0f7dd491706b524f](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_SP-1_b1f80e2adc14252e0f7dd491706b524f) Acesso em 04 jan. 2021

NIQUITO, Thais Waideman. SACHSIDA, Adolfo. **Efeitos da inserção das disciplinas de filosofia e sociologia no ensino médio sobre o desempenho escolar.** Brasília-DF/Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2018.

NUNES, Lauren de Lacerda. ACOSTA, Giovana Gomes. A Filosofia e sua presença nos currículos brasileiros: um breve resgate histórico. **SABERES**, Natal, RN, v. 19, n. 2, ago. 2018, p. 219-233.

RIZZO, Lupércio Aparecido. **Filosofia: concepções e práticas docentes.** 2016. 163 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2016. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/USP\\_40b540bf4880d5334e9e259f25c19680](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/USP_40b540bf4880d5334e9e259f25c19680) Acesso em 04 jan. 2021

SANTANA, Luiz Carlos Nunes de. **Sentido da filosofia no ensino médio: contribuição para formação do jovem na óptica do professor.** 2007. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Formação). Universidade Católica de Santos, Santos, 2007. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/SANT\\_4077baa0acd4da066693dcc9647d9f0d](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/SANT_4077baa0acd4da066693dcc9647d9f0d) Acesso em 04 jan. 2021

SANTOS, Yvisson Gomes dos. A disciplina de Filosofia no Brasil desde os jesuítas até a LDB nº 9394/96: perspectivas históricas. **SABERES**, Natal, RN, v. 1, n. 16, p. 171-185, ago. 2017.

SANTOS, Yvisson Gomes dos. **O ensino da disciplina de filosofia no ensino médio analisado através de relatos de experiências de alunos em uma escola pública de Maceió/AL.** 2015. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2015. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFAL\\_fda6478d127ef28358e42f546e6c0682](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFAL_fda6478d127ef28358e42f546e6c0682) Acesso em 04 jan. 2021